



## **A Comunidade Wiccana no Brasil: Discurso, Recursos e Práticas de Comunicação<sup>1</sup>**

Lucas Berlanza CORRÊA<sup>2</sup>

Eduardo REFKALEFSKY<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O objetivo do artigo é analisar, mediante uma coletânea de fatos e fontes veiculadas pelos próprios adeptos, a relação da comunidade da religião neopagã Wicca no Brasil com os meios de comunicação e com aquilo que neles é proferido a seu respeito ou que com ela tenha relação. Vê-se a forma como a comunidade wiccana se organiza através da Comunicação, e o tipo de direcionamento que tem dado aos seus discursos de legitimação e exposição de pensamentos no contexto brasileiro, mostrando as diferenças em relação ao seu desenvolvimento histórico em âmbito internacional e sua maneira de interagir com o cenário sócio-religioso local.

**Palavras-chave:** Wicca; comunicação; discurso; legitimação.

### **1 Introdução**

A respeito da Comunicação, é sabido que a produção de sentido é uma das atribuições mais essenciais que lhe dizem respeito. Historicamente, o papel de produzir sentido nas sociedades foi exercido, de forma singular, pelas religiões, razão por que elas são um objeto tão atrativo em estudos dessa natureza. Nesse contexto, em resposta às modificações profundas vividas pela sociedade contemporânea, os últimos séculos assistiram ao florescimento de diversas formas diferenciadas de religiosidade e espiritualidade, na tentativa natural de produzir sentido adequado à inédita configuração. Apesar de serem resultado dessa tentativa de adequação a uma realidade essencialmente moderna – e de isto se refletir em elementos de seu discurso e de sua organização -, essas formas de religião e espiritualidade resgatam conteúdos muito antigos, que se encontravam minimizados, modificados ou excluídos nas religiões tradicionais e dominantes. Os séculos XIX e XX se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012 na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ. e-mail: <[lucasberlanza@yahoo.com.br](mailto:lucasberlanza@yahoo.com.br)>.

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ. e-mail: <[ref@ufrj.br](mailto:ref@ufrj.br)>.

caracterizaram pela emergência do Espiritualismo Moderno, das seitas New Age, de novas conformações do Ocultismo (como a Teosofia moderna de Helena Blavatsky e a Thelema de Aleister Crowley) e do movimento plural conhecido como Neopaganismo – designação genérica para diversas formas de religiosidade que se desenvolveram resgatando cultos e práticas das crenças pré-cristãs, dos politeísmos da Antiguidade, particularmente sendo empregado com referência àqueles de origem européia. Das diversas religiões neopagãs, indubitavelmente, a que mais cresce e a mais popularmente conhecida é a Wicca. O objetivo deste estudo é observar a forma como ela se utiliza dos meios de comunicação e o teor dos discursos de legitimação doutrinários e conceituais que emprega, de modo a ajustar-se ao contexto brasileiro, com destaque para os conflitos vivenciados e as formas de articulação de sua comunidade. Assim se torna possível identificar em que essas implicações no Brasil são peculiares e em que se relacionam com os desenvolvimentos históricos gerais da Wicca, bem como conhecer os conflitos e o comportamento da comunidade wiccana na situação sócio-cultural do país. Trata-se de uma religião bastante minoritária, mas que vem demonstrando nítido potencial de crescimento e cuja dinâmica no espaço nacional vem produzindo muitos fatos dignos de nota e apreciação, o que justifica a que se volte atenção para esse tema.

## **2 A Wicca: apreciação geral e chegada ao Brasil**

Para empreender tal análise, entretanto, importa que sejam feitos alguns comentários básicos gerais acerca da religião. Isto não é uma tarefa fácil, dado que as origens históricas da Wicca – bem como da Bruxaria em geral – estão eivadas de alegações que não são consideradas corretas hoje, mas que foram importantes para o estabelecimento de um discurso de legitimação nos momentos iniciais dessa vertente religiosa.

Têm-se como marco importante a obra de Margaret Murray (1863-1963), antropóloga que, no começo do século XX, concebeu uma teoria segundo a qual existia um ancestral Culto Bruxo, que seria uma religião pré-cristã da qual eram adeptas as pessoas que foram condenadas pela Inquisição sob acusação de satanismo. A Bruxaria de Murray seria uma forma de religiosidade pagã mantida secretamente em paralelo com as religiosidades tradicionais, que teria uma existência muito antiga e organizada, e cultuaria o Deus Cornífero, divindade que teria representações estéticas muito semelhantes às do demônio católico e protestante. A teoria jamais foi comprovada, e hoje é largamente desacreditada. Entretanto, estimulou a que muitos grupos começassem a se constituir alegando serem representantes ou continuadores do ancestral suposto Culto Bruxo a que ela fazia referência, e isso produziu

uma linhagem de teóricos que a endossaram plenamente, em uma época em que esse fenômeno religioso era bastante oportuno – como já descrevemos.

Um deles foi o folclorista e jornalista Charles Godfrey Leland (1824-1903), que escreveu sobre uma forma de Bruxaria Italiana, designada Stregoneria; em torno das obras de Leland e de fórmulas de religiosidade antigas presentes na região da Itália, formou-se um culto que se entende como de Bruxaria Tradicional, que hoje busca se diferenciar da Wicca, o que será retomado mais à frente neste artigo.

Outro, que diretamente nos interessa, foi Gerald Brousseau Gardner (1884-1964). Inglês, nascido em Blunderlands, perto de Liverpool, Inglaterra, Gardner foi um antropólogo amador que se dedicou a estudar os antigos e suas crenças de caráter espiritual. Lucrando com seu trabalho como inspetor de plantações de borracha, estabelecimentos de ópio e oficial de alfândega para o governo britânico no Extremo Oriente, ele pôde se dedicar à atividade arqueológica, retornando à Inglaterra depois de reformado de seus serviços. Em seu país, Gardner se envolveu diretamente com núcleos ocultistas – inclusive com o célebre e polêmico Aleister Crowley, auto-intitulado Besta 666, uma das figuras mais emblemáticas do meio e que, segundo muitos, o influenciou diretamente. Alegou, então, ter conhecido uma associação – ‘*coven*’, termo até hoje usado pelos wiccanos – que praticava a crença mencionada por Murray. Gardner defendeu com veemência a existência de um Culto Bruxo, esforçando-se mesmo por traçar um histórico de seu desenvolvimento. Apesar de se colocar sempre do ponto de vista de um observador, e apresentar seu trabalho como passível de críticas e como portador de teorias pessoais, Gardner se afirma vinculado às idéias da crença das ditas bruxas, pelo que se coloca como um adepto e difusor de sua religião – vista como a Velha Religião, expressão também hoje bastante usada pelos neopagãos que se identificam como bruxos. Seu mais famoso livro, “A Bruxaria Hoje” (*Withcraft Today*), publicado em 1954, é uma espécie de tratado resumindo informações que as bruxas lhe teriam dado autorização de divulgar, e é visto como referência mais contundente e popular no que diz respeito à Wicca hoje. O livro acaba funcionando, na prática, como uma sistematização e popularização das idéias que seriam veiculadas nos círculos internos da secreta religião bruxa.

Sem entrarmos no mérito da História da veracidade ou não das alegações gardnerianas, o fato é que as idéias contidas naquela obra se disseminaram, e muitos grupos de inspiração ocultista passaram a adotá-las, estabelecendo uma verdadeira religião. O sistema de Gardner era repleto de influências, não apenas das crenças pagãs antigas, como dos ocultistas modernos.

Também há influências do Espiritualismo Moderno, corrente que tem por marco inaugural o ano de 1848, e que se caracterizava por uma interpretação mais positiva e experimental do contato com os Espíritos, as almas dos mortos. Gardner frequentou sessões do Espiritualismo e das mesas girantes, mencionadas em seu livro *A Bruxaria Hoje*.

Dizia ele que os bruxos do Culto em que se baseava eram os Wica, ou pessoas sábias. As palavras ‘Wicca’ e ‘wiccano’ se estabeleceram nos anos 60 e 70, como derivadas de wiccian, inglês antigo para ‘feiticeiros’, e se associaram à prática religiosa que então recrudescia. A Wicca se ramificou em diversas Tradições, como são chamados os sistemas específicos de organização de idéias e práticas rituais. A obra de Gardner determinou o surgimento da Wicca Gardneriana, tratada como a Tradição inaugural. A doutrina wiccana, portanto, é bastante elástica, não havendo homogeneidade entre as diversas Tradições. O que permite que se entenda uma Tradição como wiccana passa a ser, basicamente, a observância dos festivais sazonais, a idéia da Deusa e do Deus e a crença na magia.

No Brasil, as comunidades wiccanas pioneiras solidificaram sua presença a partir da década de 90, especialmente em grandes centros, e buscaram estabelecer relações com associações européias.<sup>4</sup> A partir de então, foram surgindo produções editoriais voltadas para a temática. Sob a inspiração de muitos filmes e séries que trabalharam com o conceito de bruxas, como o filme *Da magia à sedução* (1998) e a série inglesa *Harry Potter*, cada vez mais pessoas passaram a aderir à Wicca, ou a se intitularem como wiccanas – muitas delas sem se associarem a um coven e fazerem iniciações vistas como regulares pelas comunidades mais tradicionais da religião.

### **3 A questão do feminino e a Ecologia**

Um dos diferenciais da Wicca é a forma como a religião encara a idéia do ‘feminino’. De forma geral, as religiões dominantes apresentam um viés patriarcal, masculino, bastante ressaltável; a ideia de Deus como Pai pode ser tida como indicativo disso.

Importa considerarmos aqui o movimento feminista. Interessa-nos diretamente a onda dos anos 60 e 70. Verifica-se, por volta dessa época, um grande crescimento da espiritualidade pagã, especialmente da Wicca. Romper com o tradicionalismo e o patriarcalismo parecia ser uma consequência ideológica natural no âmbito religioso. Muitos autores ocultistas, defendendo a idéia de um ‘ancestral sagrado feminino’, de uma Deusa cultuada no passado distante, atraíram as feministas, que exaltavam seu gênero sexual. A

---

<sup>4</sup> Revista Planeta, setembro de 1997, reportagem de Romeo Graziano Filho.

vinculação da crença wiccana ao movimento feminista seria perfeitamente esperável, diante do fato de um dos preceitos fundamentais da religião ser a polaridade feminina do Universo, a Deusa.

A Wicca tem por princípios de fé a Deusa e o Deus, duoteísmo que desperta algumas discussões teológicas quanto a em que essencialmente consiste – se são duas individualidades, se são dois pólos de uma mesma, entre outras teses -, mas o que nos importa aqui é o destaque dado ao culto à divindade feminina.

Em “A Verdade sobre a Bruxaria”, Scott Cunningham (1956-1993), autor de diversas obras acerca da Wicca, diz:

*Com o nascimento do verdadeiro movimento pela liberação da mulher nos anos 1960, muitas mulheres ficaram desencantadas com a religião ortodoxa. Algumas encontraram a Wicca e iniciaram uma nova vertente não-tradicional feminista, ou a Wicca das mulheres. (...) Muitas mulheres vêem a Wicca como uma religião ideal, por sua sabedoria e sua reverência ao aspecto feminino da Divindade. Alguns covens feministas se envolveram pesadamente na política num esforço de assegurar uma merecida igualdade social para as mulheres. Muitos são bastante ativos em campanhas antinucleares. Alguns covens feministas são grupos ‘apenas para as mulheres’ e podem até não invocar o Deus em seus rituais. Este é o resultado de milhares de anos de religião dirigida para o masculino.*

Apesar de reconhecer isso, Cunningham lembra que a Wicca não surgiu com a finalidade de difundir tais ideais, e assevera que “apesar de tais grupos serem certamente wicanos, eles estão tão desequilibrados, espiritualmente falando, quanto àquelas religiões que reverenciam unicamente uma divindade masculina”. O autor menciona que as organizações de wicanos mais tradicionais não apreciam esse tipo de pensamento, mesmo admitindo que a Wicca feminista “conquistou seu próprio espaço e agora é um movimento crescente e influente dentro da Wicca”.

Sabe-se que a Wicca se tornou numericamente relevante no Brasil a partir da década de 90, não tendo antes comparação a atenção que chamava – embora se acredite que tenha aportado junto com o movimento de contracultura. Sua profusão se dá, portanto, num momento bem diferente da explosão do feminismo nos anos 60/70; numa época em que, reconhecidamente, o ‘espírito contestador’ já não se manifestava da mesma forma. Sabe-se também que, a despeito de não ser proselitista, a Wicca, como toda religião ou filosofia, nasce com a intenção de fazer adeptos, pelo que seu discurso precisa apresentar atrativos; é razoável

entender que uma religião apenas para mulheres perderia muito quantitativamente, em não estimular a adesão masculina.

Na realidade brasileira moderna, é interessante observar um esforço predominante em determinadas publicações e aspectos do discurso wiccano, por diminuir a questão do ‘feminismo’ (embora, diga-se de passagem, isso não queira dizer que as tradições feministas inexistam no país). Encontrou-se uma espécie de ‘equilíbrio ideal’. A idéia da Wicca como espiritualidade feminina não está completamente abandonada, faz parte do discurso de legitimação da religião; contudo, passa a ser interessante não torná-la extremada como se verifica nas articulações feministas acima mencionadas. É notório que muitos sacerdotes wiccanos brasileiros, em posições de prestígio e reconhecimento, pertencem ao sexo masculino.

Encontramos, no “Almanaque Wicca 2012”, a seguinte declaração, já em seu editorial:

*Nesta edição do Almanaque Wicca, também vamos celebrar o ressurgimento do feminismo divino – que não tem nada a ver com ‘as mulheres dominando o planeta’, mas com o equilíbrio entre o feminino e o masculino para que dessa união advenha o renascimento espiritual do planeta. Esse despertar feminino, portanto, irá se manifestar no coração e na mente dos homens também.*

Nota-se clara orientação do discurso no sentido de não favorecer a interpretação de feminismo extremado na Wicca, mas a de uma solidariedade entre as polaridades sexuais, a da necessária união entre o masculino e o feminino para a espiritualidade objetivada. A ênfase ao feminino não deixa de existir; porém, ela se dá dentro de uma contextualização histórico-cultural despida de uma reação exagerada. O discurso da publicação wiccana brasileira reconhece que o lado feminino da religiosidade precisa ser ‘resgatado’, ‘despertado’, diante de tantos séculos de predomínio do aspecto masculino, mas não o ergue a um pedestal de importância, em que transpareça como essencialmente superior.

Além da questão sexual, a Wicca também tem grandes ligações com a questão ecológica. Não somente ela, mas toda a espiritualidade neopagã, por sua conexão íntima com a terra e com a natureza, destaca essa conscientização. O discurso wiccano, em todas as partes do mundo, enfatiza a defesa aos bens da natureza e a proteção ao equilíbrio do planeta.



#### 4 O princípio da reencarnação e sua relação com a identidade wiccana

A idéia de que a alma humana pode retornar à vida física ingressando em novo corpo é bastante antiga no universo metafísico e religioso, apesar de aparecer sob denominações diversas e conceituações diferentes. Porém, a palavra ‘reencarnação’ aparece no século XIX e normalmente é associada a uma concepção bastante específica desse retorno que, dominante no Brasil, faz com que se entenda seja ela comum a todas as doutrinas religiosas que apresentam essa noção do retorno – o que é um equívoco.

O Espiritismo apresenta a idéia da *reencarnação* como tendo uma finalidade evolutiva. Apesar de nascido na França, o Brasil é hoje o país onde o Espiritismo tem maior importância numérica e cultural. Essa importância fez com que outros cultos mediunistas (que admitem a idéia da mediunidade, da comunicação com as almas dos falecidos), surgidos em virtude dos intensos sincretismos existentes no país, adotassem uma visão reencarnacionista muito próxima da perspectiva espírita, como é o caso da Umbanda.

A predominância desse gênero de reencarnacionismo estimulou outros grupos religiosos a utilizarem estratégias para diferenciarem suas noções particulares. É assim que temos, por exemplo, os budistas brasileiros se preocupando bastante em frisar que não esposam a idéia da reencarnação, mas sim a do *renascimento*. Para eles, existem distinções importantes entre a filosofia do Buda e a das obras de Allan Kardec. Por exemplo, a idéia de que a Lei do Karma não envolve a reencarnação de uma alma individualizada como no Espiritismo, mas sim de impulsos que restam após a morte e se manifestam novamente, sendo essas manifestações que geram existências que se tornam novas identidades ao tomarem consciência de si mesmas, havendo uma espécie de continuidade, mas não de um ‘eu’ particular<sup>5</sup>.

A crença no retorno da alma é muito marcante também na Wicca, o que nos motiva os comentários. É perceptível que desde o Gardnerianismo a ideia do renascimento ou da reencarnação está presente. Entretanto, como se está tratando do contexto brasileiro, existe aqui, da parte de wiccanos, a preocupação em estabelecer diferenciação com o conceito dominante, como há para os budistas.

A Wicca exalta esta natureza, esta vida; os wiccanos entendem que a reencarnação de origem conceitual espírita é um pensamento demasiado transcendente e que inferioriza a importância deste mundo, em relação a outro, o espiritual. De fato, a Codificação Espírita apreende o mundo material como um acessório para acelerar o progresso do Espírito, podendo

---

<sup>5</sup> Disponível em Cartilha do Colegiado Budista Brasileiro, junho de 2007.



mesmo nunca ter existido sem prejuízo essencial ao mundo espiritual. Os wiccanos, por sua vez, refutam, alegando que o universo material contém a natureza, maravilha divina. A reencarnação não se dá meramente dentro de um plano evolutivo que visa uma situação melhor numa realidade invisível, mas ocorre simplesmente pela maravilha que é ‘estar vivo’ - é muito mais vista como um processo ‘em si mesmo’ que um instrumento para alcançar outro objetivo. Para realçar essa ótica tipicamente pagã da reencarnação, os wiccanos eventualmente, quando a isso são chamados, se esforçam por afastar proximidades com a concepção dominante no Brasil.

Isso é um bom exemplo de como uma comunidade religiosa diferente das tradições majoritárias, ao encontrar um caldo cultural formado com idéias que poderiam gerar confusão quanto à sua doutrina específica, naturalmente posiciona seu discurso de modo a explicitar essa disparidade. A constituição de uma identidade, essencial para conquistar adeptos com ela afinizados, é importante, mesmo em se tratando de uma crença caracterizada por forte sincretismo. Por outro lado, a admissão tão expressiva do reencarnacionismo no Brasil pode facilitar a aceitação de sua noção geral sob outras conformações e em outras religiões, o que pode ser uma conjuntura útil à Wicca.

## **5 A Wicca no mercado editorial e audiovisual**

Existe hoje um importante material acerca da Wicca em termos de livros e publicações. Isso estimula a formação de auto-iniciados, o que é visto com reservas pelos mais tradicionalistas, mas ajuda na popularização do credo. Claudiney Prieto, fundador de uma Tradição genuinamente brasileira, a Diânica Nemorensis, que inicia pessoas de todos os sexos, idealizador e coordenador também da Universidade Livre de Estudos Pagãos (UNILEP), oferece um livro voltado para iniciantes gratuitamente na Internet. Há também, porém, publicações com esse teor de iniciação à venda. “A Bruxaria Hoje”, de Gardner, foi publicado pela Madras Editora, ímpar no que diz respeito a esoterismo, ocultismo e neopaganismo. Com um acervo de mais de 1500 títulos editados, a empresa presidida por Wagner Veneziani Costa é a maior no Brasil voltada para temas similares.

Têm-se também o “Almanaque Wicca”, da editora Pensamento, publicado anualmente desde outubro de 2003. A publicação encontra boa aceitação entre a comunidade wiccana, apresentando informações sobre os festivais, as fases lunares, entre outros dados úteis, por exemplo, para a realização de feitiços.



Não se pode, porém, falar de mercado editorial em Wicca sem falar nas polêmicas de Eddie Van Feu, escritora e ilustradora carioca, formada em Jornalismo, que se notabilizou como escritora de fanzines e entusiasta de animes e mangás. Eddie van Feu escreve obras acerca de misticismo e Bruxaria, aplicando a designação de Wicca às teses que aborda, vistas como destoantes dos reais princípios wiccanos por muitos dos adeptos da religião. Van Feu faz parte da grande questão que permeia as relações entre os wiccanos, seus discursos de legitimação e seus conflitos – internos e externos –, qual seja: a do estabelecimento da Wicca como uma religião, organizada e disposta de uma forma adequada, vista como ‘correta’, e a discussão interminável de qual seria essa forma, perpassando o debate de auto-iniciação e iniciação.

Na música, existe uma predileção por canções de inspiração céltica e gaulesa entre muitos wiccanos, havendo cantores de músicas wiccanas em português, como os do Projeto Deusa 2000 – entretanto, esse nicho de divulgação do credo não pode ser comparado ao mercado editorial, ou a como é empregado por outras formas de religiosidade mais enraizadas e numerosas, como as igrejas neopentecostais. Na grande mídia televisiva, a penetração wiccana é quase inexistente, o que motivou determinada mobilização da União Wicca do Brasil em questionar a Rede Globo, recentemente, acerca de um fato relativo ao programa Sagrado. O programa Sagrado é uma produção da emissora e da TV Futura em que representantes das diversas correntes religiosas do país se apresentam, abordando assuntos diversos sob a ótica de cada tradição. A Wicca não estava presente no rol de crenças apresentadas pelo programa. O ambiente virtual – o que demonstra sua importância para a comunidade wiccana – imediatamente se agitou, na intenção de questionar a razão, pelo que a UWB enviou mensagem à Rede Globo. Em nota, o Sr. Luiz Erlanger, da Central Globo de Comunicação, respondeu que *“como há um limite de espaço – sete dias na semana etc. – sem fazer juízo de valor sobre qualquer segmento – adotamos o sistema democrático de optar pelas sete correntes mais difundidas no Brasil”*. O órgão não atacou a resposta, mas não foi unânime o assentimento dos wiccanos perante a mesma.

Esse fato denota muitos aspectos da preocupação dos wiccanos em se utilizar dos meios que a mídia fornece para união de sua comunidade nacional e para divulgação de sua cultura e suas crenças, bem como mostra sua mobilização no ambiente virtual, como se processa e para que fins.

## **6 Comunidade wiccana: conflitos e articulações**

Ao observar, por exemplo, as discussões em fóruns wiccanos em redes sociais, torna-se evidente que um dos temas que mais apaixonadamente envolvem a comunidade dessa religião em debates é a questão da auto-iniciação ou da iniciação regular.

Nota-se em quase todas as grandes religiões uma forte tensão entre ortodoxismo e heterodoxismo ou ecletismo. Determinado grupo se pretende portador de uma compreensão mais fiel à elaboração original da religião em questão, e procura defendê-la de uma alegada desnaturação empreendida por adeptos que normalmente mesclam essa elaboração com elementos de outras fontes, através do fenômeno conhecido como sincretismo. Estes últimos eventualmente alegam ser necessário adaptar as religiões originais a novos contextos, a fim de que estas possam produzir sentido numa abordagem mais adequada às mudanças de circunstância; aqueles, por sua vez, argumentam que não se pode abdicar da pureza da proposta pela qual tais doutrinas foram concebidas em prol dessa motivação menor.

No caso wiccano, a própria idéia de Neopaganismo entra aqui em discussão. A Wicca surgiu no esteio da revalorização das antigas práticas pagãs, e depressa assumiu as rédeas da popularização desse fenômeno religioso. Porém, dada a sua flexibilidade, que se manifesta também na esfera ritual, a Wicca começou a absorver diversos elementos de outros cultos em suas práticas. Paralelamente ao advento desses acréscimos à prática ritual wiccana, o movimento geral que chegou a ser chamado de Reconstrucionismo pagão, acompanhando o recrudescimento da Wicca, da Stregoneria e da Bruxaria em geral, se efetivou em diversas partes do mundo. Os cultos pagãos tradicionais passaram a ser resgatados sob novas práticas neopagãs, restringindo-se, porém, às divindades cultuadas na época de suas respectivas inspirações, como Asàtru, o culto aos deuses nórdicos. Essas correntes diversificaram ainda mais o Neopaganismo, mas, dentro de cada uma delas, impera a preocupação em não permitir influências externas às religiões antigas que lhes servem de inspiração.

É interessante notar que os pequenos círculos de adeptos desses cultos neopagãos mencionados que já existem no Brasil parecem refletir, ainda que minoritariamente, uma antiga razão de discussões com os wiccanos, como se nota em algumas manifestações e diálogos na Internet: o incômodo com a apropriação, por parte de cultos wiccanos, de divindades e práticas oriundas de suas fontes de inspiração. Muitos neopagãos demonstram considerar a Wicca como um ‘grande ecletismo’, que não lhes parece contribuir de forma positiva para a imagem do conjunto de que coletivamente se consideram partes.



A Stregoneria, alicerçada nas tradições pagãs italianas e significativamente baseada na obra de Leland, é muitas vezes, em sites que se propõem a tratar do assunto, relacionada como uma das Tradições da Wicca, o que gera insatisfação da parte de outros, que entendem que sua religião ou Arte é completamente independente da Wicca.

O site Bruxaria Tradicional<sup>6</sup> do Conselho de Bruxaria Tradicional, apresenta o que considera “conceitos fora da Bruxaria Tradicional Pagã”; não nos surpreendem ao incluir na lista diversas características observadas nas práticas comuns de ditos wiccanos, como “uso de panteões não-europeus”, “símbolos geométricos/matemáticos”, “elementos/conceitos de outras culturas”, “divisão dualista do mundo – ex: Deus/Deusa” (elemento fundamental da doutrina da Wicca), “ativismos – ex: ecológico, feminista, homossexuais” (diante de tudo que apreciamos anteriormente, dispensa comentários), “vínculo com movimento gótico” (o que não é uma característica da Wicca, mas de algumas práticas de Wicca populares, daquelas de conformações criticadas pelos próprios wiccanos). Em verdade, constata-se que a maior parte dos elementos da lista advém da Wicca.

Contudo, esse tipo de conflito atinge muito mais os debates wiccanos quando ocorre entre eles mesmos, e não com os companheiros de senda neopagã de outras correntes. Vê-se que grande quantidade das discussões nas redes sociais se referem a críticas à popularização da Wicca realizada nas últimas décadas, em virtude da ‘moda’ da bruxaria que se efetivou mediante diversas produções literárias ou cinematográficas acerca do assunto, acompanhadas de uma estética padronizada que por elas se desenvolveu; os wiccanos se queixam de muitas pessoas, especialmente jovens, terem aderido a essa ‘onda pop’, dispensando o necessário conhecimento das obras clássicas da Arte e iniciações regulares. Do lado dos mais afeitos ao tradicionalismo, a polêmica envolve a “auto-iniciação”. Com muitas Tradições wiccanas assumindo uma configuração cada vez mais aberta e com a força dessa ‘onda pop’, a prática de se ‘auto-iniciar’, isto é, se assumir como wiccano e se considerar como praticante da religião sem se iniciar regularmente num coven, se tornou cada vez mais comum, e no Brasil acontece com grande frequência. Os sacerdotes e sacerdotisas wiccanos são os que normalmente se posicionam mais contrariamente a esse tipo de prática, para tanto destacando a necessidade de uma organização cada vez mais sólida para a religião, a fim de melhorar sua imagem e representatividade pública; é nítida a preocupação da Wicca em se legitimar, se fazer significativa socialmente; ter, enfim, prerrogativas cada vez maiores para se fazer notar, reconhecer e respeitar.

---

<sup>6</sup> <[www.bruxariatradicional.com.br](http://www.bruxariatradicional.com.br)>, acessado em 21 de março de 2012.

Na rede social Orkut, encontramos, em pesquisa anterior à finalização deste artigo, 78 páginas com comunidades cujos títulos incluem a palavra ‘Wicca’, entre aquelas voltadas para iniciantes, aquelas de detratores da religião e as que apresentam discussões mais elaboradas. Algumas congregações wiccanas, como a Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca), já apresentam um trabalho mais antigo no Brasil. É uma livre associação de wiccanos que endossam a visão de que se trata de uma religião iniciática, seguida por sacerdotisas e sacerdotes – ou seja, instituições como essa deixam claro que seu objetivo é a organização, é a busca da representatividade social, é comunicar ao público essa ideia da Wicca.

Nesse quadro, incluímos a União Wicca do Brasil (UWB), idealizada em 2004, e de atuação destacada no cenário recente da relação da Wicca com os meios de comunicação. A UWB possui um grupo na rede social Facebook que já possui mais de três mil membros. Entre suas preocupações, encontra-se exatamente aquela de estabelecer uma apologia à imagem respeitável e organizada da Wicca, cuja busca parece, em oposição a uma popularização indiscriminada dos conceitos da religião em virtude dos efeitos ainda sentidos da ‘onda pop’, caracterizar o contexto brasileiro. A mesma UWB concebe que, a despeito da liberdade de existência das diferentes Tradições, é urgente que a comunidade wiccana preserve determinado eixo norteador, a fim de que a Wicca não deixe de ser Wicca. Como comentamos, tais discursos de legitimação e a utilização dos meios de comunicação – bem como relação com o que por eles é veiculado, por parte especialmente de grupos de sacerdotes e instituições por eles estabelecidas -, visam uma busca por respeitabilidade e representatividade, e espelham a idéia que sugerimos como de ‘ortodoxia’, ainda que não para a unificação absoluta das Tradições, mas para a definição e consolidação dos elementos comuns que se entendem como minimamente necessários.

Acompanhamos alguns casos de vídeos e programas de televisão contra os quais a instituição se mobilizou, e atentamos para o fato de que a maior parte dessas mobilizações teve seu início na Internet, o que demonstra a importância do ambiente virtual para este segmento organizado da comunidade wiccana cujos interesses são atendidos por instituições como ela.

No canal Away, da produtora Jigsaw, o humorista Gil Brother expôs sua indignação contra uma enfermeira de Goiás que espancou um cão da raça Yorkshire até a morte. Ele a chamou de “bruxa” e afirmou que “bruxas têm que queimar na fogueira”. Considere-se ou não uma reação exagerada, o fato é que os sacerdotes da UWB se indignaram com o ocorrido,



considerando que, por os praticantes da Wicca serem conhecidos como bruxos, a declaração exorta à intolerância contra eles – posicionamento apresentado em seu site oficial, pelo que realizaram um abaixo-assinado virtual.

Outro caso é relativo a um padre católico apostólico romano, Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, pertencente ao clero da Arquidiocese de Cuiabá (Mato Grosso), o qual, em vídeo, fez críticas diretas ao que chama de Neopaganismo, considerado por ele algo danoso à sociedade atual, bem como aos shows de rock. A UWB reagiu, pedindo apoio da CCIR, enviando, através de Og Sperle, em 9 de fevereiro de 2012, mensagem em que declarava: “sabendo do recesso das reuniões da Comissão, venho por e-mail comunicar mais um ato escrachado de preconceito religioso contra as religiões Neopagãs”

Eventos que suscitam a comunicação e a integração da comunidade wiccana, fundamentais na sua dinâmica atual no contexto brasileiro, são a participação nos festivais sazonais da religião – os sabás e esbás-, os simpósios e encontros pagãos (incluindo aí o Dia do Orgulho Pagão) e a atuação destacada na já mencionada Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR), especialmente na Caminhada pela Liberdade Religiosa, realizada por essa entidade no Rio de Janeiro, em Copacabana, anualmente.

Quanto aos Sabás e Esbás, podemos entendê-los como elementos centrais da Wicca desde o seu nascimento, e também como fundamentais no estabelecimento da associação ideológica com a natureza, laço com suas origens e inspirações do Paganismo antigo. São as datas mais importantes do Neopaganismo europeu. Desenvolveu-se nas redes sociais o costume da mobilização da comunidade wiccana para esses grandes festivais através da disseminação de imagens e propagandas; o mesmo é feito com relação aos simpósios e palestras, onde sacerdotes wicanos se apresentam, são promovidos debates acerca da teologia e das práticas da religião, e são disponibilizados acessórios úteis e atrativos para os adeptos.

Ao final, reservamos a fundamental vinculação da Wicca à Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e o seu papel bastante especial na Caminhada pela Liberdade Religiosa de Copacabana, que reúne adeptos de qualquer religião e mesmo ateus e agnósticos, como vimos, mas é perceptível a maior presença de determinados segmentos, especialmente os cultos afro-brasileiros, que, no Brasil, enfatizam mais o engajamento no combate à discriminação de que se sentem vítimas. É digno de nota que a presença wiccana é maciça, ativa e constante, não apenas na Caminhada, como ao longo de todo o ano, nas atividades programadas pela CCIR, bem como nas atividades de que participa com alguma intenção. A UWB é a instituição que centraliza a participação wiccana nessa atividade.

## 7 Considerações finais

Observamos, a partir das informações reunidas, em sua maioria de obras e manifestações dos próprios wiccanos, a forma como a sua comunidade se porta perante a realidade brasileira, com enfoque especialmente na sua maneira de lidar com os meios de comunicação e com o que neles é veiculado.

Nota-se primeiramente que, estabelecendo posição original diante de um conjunto de religiões extremamente embasadas no aspecto masculino, com sistemas vistos como ‘patriarcais’, a Wicca, em qualquer parte, se posiciona em oposição a esse quadro, enaltecendo o aspecto feminino – de forma mais ou menos extremista, de acordo com os covens e as circunstâncias. Um exagero nesse sentido tende a ser cada vez mais evitado, diante da necessidade de expansão típica de quase todas as religiões. O discurso ecológico, por sua vez, é universalmente útil a uma proliferação do discurso wiccano, sendo encabeçado também por sua comunidade no Brasil – ainda que outras questões ocupem mais a atenção da comunidade wiccana local.

Questões essas como a grande discussão em torno da necessidade de engajamento na luta por maior representatividade social. A Wicca se adapta, no Brasil, lidando com um contexto cultural onde é ainda estranha. No entanto, o grande obstáculo segue sendo, em meio à ‘onda pop’ relativa a essa religião, cujos efeitos são nítidos no Brasil, o debate incessante entre os pesos da coerência e da liberdade. Se de um lado, temos uma popularização crescente, auxiliada mais por um mercado editorial bastante interessante e por produções audiovisuais estrangeiras que se tornam sucesso, por outro temos o perigo, ao ver de muitos, da descaracterização.

O grande momento da trajetória wiccana no Brasil, a nosso ver, é o estabelecimento recente de instituições que se utilizam dos mais diversos mecanismos de Comunicação – desde redes sociais, portais e participação em grandes eventos que chamam a atenção midiática - para promover, ao mesmo tempo que uma apologética da religião mediante exercício de esclarecimento e oposição ao que considera inverdades - sejam ou não consideradas excessivas algumas das reações por elas adotadas -, uma articulação interna da comunidade wiccana, tornando-a mais forte, unida e capaz de lutar por seus direitos, por respeito e por reconhecimento.

O desafio dessa bem-sucedida crença pagã em terras brasileiras ainda é grande, é verdade; existem discordâncias internas, debates acalorados e barreiras a transpor para uma mais ampla exploração de meios de difusão, dado o caráter minoritário da Wicca. Porém, a



preocupação com uma disciplina, com o estabelecimento de um eixo orientador - sem que se estabeleça, vale sempre esclarecer, nenhum tipo de comando supremo central -, que vem dominando os núcleos sacerdotais de wiccanos e vem atraindo cada vez mais simpatizantes, e a utilização dos recursos de Comunicação – bem como a atenção dada ao que neles é tratado - , podem ser ferramentas essenciais para a consolidação de uma forte comunidade neopagã no Brasil, como contrabalanço à banalização vigente e temida. Juntos, os wiccanos são mais fortes, e parecem estar descobrindo a estratégia mais moderna e atual para o alcance dessa união. Atualizam-se, em curioso contraste com os elementos antigos de suas crenças pagãs e também com o objetivo por que o fazem: a conservação de seu eixo orientador original.

### **Referências bibliográficas**

GARDNER, G.B. A Bruxaria Hoje. São Paulo. Madras Editora Ltda, 2003.

RICHARDSON, A.R. Aleister Crowley e Dion Fortune: O Logos do Aeon e a Shakti da Era. São Paulo. Madras Editora Ltda, 2010.

CUNINGHAM, S.D. A Verdade sobre a bruxaria. Rio de Janeiro. Editora Mauad, 2007.

Almanaque Wicca 2012 – Guia de magia e espiritualidade, Ed. Pensamento, editor chefe/responsável RIEDEL/DELELA, colaboradores VAN FEU/FAUR, com excertos traduzidos de Llewellyn's 2011 Magical Almanac, publicado por Llewellyn Publications, Woodbury, MN 55125 USA – <[www.llewellyn.com](http://www.llewellyn.com)>.

Revista Planeta. São Paulo. Ed. Três, setembro de 1997, reportagem de Romeo Graziano Filho.

Disponível em <<http://uniaowiccadobrasil.org.br>>: UWB pede providencias a CCIR quanto a video do padre, disponível em <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=-QTA3cj8XAc](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=-QTA3cj8XAc)>.

Nota de repúdio contra a veiculação de vídeo que denigre a imagem dos bruxos e bruxas, disponível em <<http://uniaowiccadobrasil.org.br/index.php/imprensa/noticias/419>>.

Sites consultados em 19/04/2012: <<http://www.wiccanaweb.com.br/>>; <[www.eutenhofe.org.br](http://www.eutenhofe.org.br)>.